

WOTAN-ODIN¹

Dr. Raffaele Pettazzoni²

Tradução:

Márcia Maria Enéas Costa³

Lorenzo Sterza⁴

Odin é na *Edda*⁵ “o mais sábio” dos seres (*Vafthrudnismal* 55). Ele é *Fiolsvidh* “o muito sabedor”, “o muito esperto” (*Grimnismal* 47)⁶. Examinada de perto, essa “sabedoria” de Odin parece muito diferente do tipo usual de onisciência divina. É um saber que se resolve em um fazer: um saber fazer, que é um poder fazer. Odin conhece todas as artes (*Ynglingasaga* 6), sabe assumir todas as formas (*Heimskringla* 1, 18), sabe encontrar os tesouros escondidos debaixo da terra (*Ynglingasaga* 6), sabe submeter à sua própria vontade as mulheres amadas, sabe despontar as armas dos inimigos durante o combate, sabe sanar as feridas. A fonte de todas estas virtudes é o conhecimento de fórmulas potentes (*Havamal* 146 segs.), e daqueles signos misteriosos que são as runas (*Havamal* 142 segs.). As runas, ele as obteve mercê ao seu martírio,

¹ PETTAZZONI, Raffaele. Germani: Wotan-Odin. Em: _____. *L'onniscienza di Dio*. Torino: Einaudi, 1955. cap. 13, p. 317-333. *Nota do editor*: pelo fato de ser um estudo clássico traduzido e o autor ser falecido, a revista não publicará o *abstract* e resumo exigido nas normas.

² Raffaele Pettazzoni, historiador das religiões. Nascido em San Giovanni in Persiceto, Bolonha, em 03 de fevereiro de 1883, morto em Roma em 08 de dezembro de 1959. Graduado em letras em Bolonha (1905); Curso de arqueologia em Roma (1906-1909); Inspetor do Museu pré-histórico e etnográfico em Roma (1909-1914); Livre docente de história das religiões (1913); Professor encarregado de história das religiões na universidade de Bolonha (1914); Titular da cátedra de História das Religiões na Universidade La Sapienza de Roma (1923-1953), Nomeado acadêmico d'Itália em 1933 e acadêmico dos Lincei em 1946; Presidente da Associação Internacional de História das Religiões (1950); Fundador e presidente da Sociedade Italiana de História das Religiões (1951); Criador da revista *Numen* (1954); Presidente do Congresso Internacional de História das Religiões em Roma (1955).

³ Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: marciajoapessoa@gmail.com

⁴ Graduando no Curso de Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba - CR/UFPB/NEVE. E-mail: lorenzo.ufpb@gmail.com.

⁵ Os trechos da *Edda Poética* citados neste capítulo podem ser lidos na tradução italiana de Mastrelli (1952).

⁶ Cfr. o *Fjolsvinnsmal*: Falk, 1924.

restando por “nove noites” pendurado à árvore golpeado pelo vento em uma extenuação suprema (*Havamal* 138 segs.)⁷.

O saber de Odin é essencialmente um saber mágico. Odin é chamado, na *Edda*, “pai da magia”⁸. Alguns dos seus muitos nomes o designam como “mago”, “feiticeiro”, “esperto na magia” (*Grimnismal* 49)⁹. Se ele permanece por nove noites pendurado à árvore, ferido com uma lança, sem bebida nem comida (*Havamal* 138 segs.), se por oito dias permanece exposto ao calor ardente de dois fogos, sofrendo os tormentos da sede (*Grimnismal* 1 segs.), estes seus “martíri” se prestam a serem entendidos como um reflexo das provações extenuantes usadas pelos feiticeiros (Olsen, 1935-II, p. 19 segs.), ou das práticas características de um rito de iniciação (De Vries, 1937, p. 148 segs.). Da mesma forma que a velha exegese naturalista compara Odin ao Deus do vento, eventualmente como hipóstase do Deus do céu Tyr (Pettazzoni (1955, p. 322), também a interpretação “animista” de Odin como Deus dos mortos parece não adequada e parcial. Como não são suficientes as oitos pernas de Sleipnir (*Gylfaginning* 15), o seu cavalo fantástico (*Baldrs draumar* 2) representado nas estelas rúnicas¹⁰, a fazer de Odin um Deus do vento, assim a “Caçada Selvagem” de Wotan – o equivalente meridional do nórdico Odin – não é suficiente para torná-lo, exclusivamente, um Deus dos mortos (Schdöder, 1929, p. 70)¹¹, porque os aspectos de morte coexistem em Odin com outros aspectos de vida (Nink, 1935 p. 144 e *passim*), formando uma singular duplicidade ou “bipolaridade” (Nink, 1935, p. 32-33) que parece ter o seu fundamento num culto de caráter mágico, segundo aquela que se pode chamar, na verdade, a nova exegese dos cultos¹².

O saber mágico de Odin é também um saber mântico, porque Odin sabe aquilo que deve acontecer, conhece o futuro como o passado, conhece os eventos do mundo e dos Deuses.

⁷ Cfr.: Hamel (1932, p. 260 segs).

⁸ *Galdrs fodhur* (*Baldrs draumar* 3).

⁹ *Gondlir* “portador da vara mágica” (Cfr. Falk, 1924; Ninck, 1935, p. 56, n. 8, 308).

¹⁰ Cfr.: Nink (1935, fig. III, IV); De Vries (1937, fig. V); MacCulloch (1930, fig. VIII); Mastrelli (1952, fig. V).

¹¹ Já em Wotan se percebe aquele aspecto mágico que em Odin é assim acentuado: a segunda fórmula de Merseburg, que devia ser recitada com a intenção de curar, continha a *narrativa* da recuperação milagrosa de um cavalo que torceu um pé, recuperação que, tentada em vão por várias divindades, que somente Wotan consegue realizar (De Vries, 1934, p. 228 segs.; Golther, p. 298).

¹² A “legião selvagem” é para a exegese cultualista a projeção das reuniões de especiais associações esotéricas e iniciáticas nas quais os participantes representavam os espíritos dos mortos, que seriam, juntos, os demônios da vegetação (Cfr. Höfler: 1934).

E também este saber mântico de Odin aparece como um reflexo das práticas dos cultos dos feiticeiros-adevinhadores. São os mortos que, evocados, revelam a Odin, como ao mago, coisas maravilhosas¹³. São os dois corvos Hugin e Munin (os corvos são aves do massacre e do mau agouro¹⁴), que lhe referem ao ouvido quanto eles, voando por qualquer lugar, veem o que está acontecendo no mundo (*Grimnismal* 20; *Gylfaginning* 38)¹⁵. É a cabeça de Mimir que, à guisa de oráculo, consultada por Odin, lhe dá preciosos conselhos (*Sigrdrifomál* 14). Mimir é um gigante; Vafthrudhnir, com o qual Odin se mensura em uma competição de saber (*Vafthrudhnismal*)¹⁶, é um gigante, “o sábio entre os gigantes” (*Vafthrudhnismal* 1). O saber de Odin é um saber demoníaco, como aquilo, próprio, dos gigantes, um saber de origem arcana, especialmente conexo, aparentemente, com a misteriosa virtude das águas (a fonte de Mimir), como aquilo do homérico Proteu (Pettazzoni, 1955, p. 208), como aquilo do babilônio Ea (Pettazzoni, 1955, p. 114) e de outras divindades aquáticas, um saber semelhante àquilo do celta Dagda (MacCulloch, 1911, p. 77 segs.)¹⁷ e de outros Deuses dos povos mais primitivos, no qual se reflete a sabedoria e potência do mago e do *medicine-man*.

Todavia, Odin apresenta, na “mesma *Edda*”, algum traço daquela outra onisciência, própria, como sabemos, de um Deus supremo, a onisciência e a onividência aplicada à vigilância e ao controle das ações humanas: Odin, na sua qualidade de *alfodhr* “pai universal” (*Grimnismal* 48; *Helgakvidha Hundingsbana I* 38)¹⁸, mora no céu de *Asgardh*, o castelo dos Asi, de onde, permanecendo sentado sobre seu trono *Hlidhskjalf* (De Vries, 1937, p. 194), espaça com o olhar sobre o mundo inteiro para ver tudo aquilo que os homens fazem (*Gylfaginning* 9, 17, 37,

¹³ Cfr.: *Baldurs Draumar* 4 (evocação de uma maga defunta).

¹⁴ Também se os nomes, que significam “Inteligência” e “Memória”, são devidos a influências cristãs (De Vries, 1937, p.178; Krappe, 1928, p. 29).

¹⁵ A figura de um cavaleiro com dois corvos e uma serpente sobre o elmo de Vendel (Mastrelli, 1952, fig. IV; MacCulloch, 1930, fig. VII).

¹⁶ Cfr. De Vries, 1934, p. 10 segs.

¹⁷ Na mitologia irlandesa, Dagda o deus principal dos Tuatha-De-Danann (“estirpes dos deuses Danu”, nome coletivo das divindades do paganismo), há entre os outros nomes aquilo de *Ruad-rofhessa* “o Ruivo do gran saber” (Revue Celtique 12, 1891, p. 125; Cfr. Encycl. Of religion a. Ethics III, 1910, p. 283; Lehmacher, 1953, p. 817-86). É provável que se trate de uma “onisciência” de caráter mágico, em relação com a virtude de suscitar as energias da natureza; Dagda há uma sua caldeira inexaurível à qual todos podem se saciar (Windisch-Stokes, p. 355). O mesmo atributo é comum em outras figuras da mitologia céltica que dispõem de caldeiras milagrosas (MacCulloch, 1930, p. 112, 368; Loomis, 1927, p. 239), como *Pwill*, cujo nome significa “Inteligência”, “Juízo”, *Gwiddno*, “aquele que conhece”, de *gwildd*, “conhecimento”, *Merlino* “que sabe tudo”.

¹⁸ Cfr.: *Gylfaginning* 3 in: Falk, *Oldnsheite* s.v.

50). Como se concilia esta onividência de tipo contemplativo com a onisciência mágica? Há tanta sombra na figura de Odin: sombra sobre sua pessoa, toda envolvida em um amplo manto (“*hispidum amiculo circumactus*”, Saxo VII, p. 248 H), sombra sobre sua face obscurecida pela larga aba de seu chapéu (“*os pileo... obnubens*”), sombra do seu olhar, que é aquilo de um olho só (“*orbis oculo*”). E não é pelo menos estranho que próprio a onividência seja atribuída a um Deus que há somente um olho¹⁹?

Há um modo óbvio para resolver o problema, e é aquilo de negar que a onividência contemplativa pertenceria originalmente à figura de Odin: existe, de fato, quem propenda em ver aqui a influência da ideologia cristã, um reflexo da figura do Pai Eterno entronizado nos céus (De Vries, 1937, p. 194). Mas se a influência cristã, no geral, tem que ser levada em consideração para o édico Odin²⁰, mais difícil parece encontrá-la já em Wotan, e particularmente no seu caráter de Deus supremo que observa do céu as coisas da terra, como resulta da lenda referida na *Origo gentis Longobardum* (séc. VII) e em Paolo Diácono (séc. VIII) (Clemen, 1928, p. 34, 48; Schröder, 1933, p. 6), quando, sendo os Vinili (Longobardi) em guerra contra os Vandali, Wotan (*Godan*) declara a sua esposa Freya que dará a vitória àqueles que ele verá por primeiros (os Vinili) ao surgimento do sol no Oriente²¹.

¹⁹ Odin designado também como *Blindr* “o Cego”, *Tvidlindi*, o “Dublo Cego”, (Falk, *Odensheite*, s. vv). Cfr. De Vries (1937, p. 191 segs.). Odin monóculo ou “cego”, envolvido em um amplo manto, com a face semiescondida por um chapéu de larga aba, parece ser uma transfiguração-desfiguração do defunto (De Vries, 1937, p. 193). Cfr. Karutz (1925, nn. 25-27). Sobre a figura mítica do “meio homem” Cfr. Jensen (1950, p. 23 segs).

²⁰ A influência da Trindade cristã (não daquela mitriaca suposta por Schröder (1929, p. 119 segs.), em base ao τριπλάσιος Μίθρας de (Dieburg, v. n. 61) será de admitir no grupo de *Har* (nome de Odin) o “Excelso” (*Grimnismal* 46; *Havamal* 109, 111, 164), *Iafnhar* “igualmente Excelso” (*Grimnismal* 49) e *Thridthi* o “Terceiro” (*Grimnismal* 46), in *Gylfaginning* 2 segs., onde os três, sentados em três assentos um sobre os outros (como se vê no desenho do *Codex Upsaliensis* da Snorra Edda (Mogk*, fig. 52), correspondem respectivamente ao Pai, ao Filho (chamado *ebenhar* no baixo alemão) e ao Espírito Santo (designado como “o Terceiro” pelos Padres da Igreja) Cfr. Clemen (1937, p. 225). Se encontram também, isoladamente, *Tveggi* e *Thriggi* como nomes de Odin (Falk, *Odensheite*, p. 29-30); mas *Tveggi*, “o Duplo”, por alguns (Falk) colocado em relação com o hermafrodito *Tuisco* (Tacito, *Germania* 2), pode significar, ao invés, o “ambíguo”, com alusão à faculdade de Odin de assumir qualquer forma, Cfr. Ninck (p. 73, 144), e *Thriggi* dificilmente poderá ser comparado ao tricéfalo do corno de Gallehus (Höfler, 1934, 58, n. 221 a; Pettazzoni, 1955, p. 328). Tricéfalos (*Skirnismal* 31), mas também exacéfalos (*Vafthrundnismal* 33) e no geral policéfalos (*Hymiskvidha* 8, 35) são os Gigantes (Wilke, 1923, p. 84).

²¹ Afora as eventuais reminiscências homéricas (motivo da Διός ἀπάτη, *Iliad.*, lib. 14: Wotan enganado por Freya em favor dos Vinili como Zeus é enganado por Hera em favor dos Gregos; Cfr. também o episódio *Iliad.* 19, 95 segs.). Não é com base nestas concordâncias (Cfr. Athena e le Valkirie, o olho das três Greias e o olho de Mimir, a cabeça de Medusa e aquela de Mimir), que se pode construir (Nink, 1935), a teoria de uma maior afinidade do espírito germânicos com o espírito grego, em vez disso com

Porém, necessita considerar outra possibilidade. Odin não é originalmente um Deus do céu²², e nem mesmo um Deus do vento como hipóstase do Deus do céu (Mogk*, p. 1070), eventualmente paralela àquela de Donar-Thor como Deus do trovão. Deus do céu é, ao invés, segundo opinião atual, o Deus *Ziu-Tiv-Tyr* (Much, 1898, p. 189 segs.), como equivalente germânico de *Iu(-piter)*, *Zeu-s*, *Dyau-s*. Verdade é que este caráter celeste de Ziu-Tyr, obtido pela comparação linguística, foi por outros, próprio por razões linguísticas, mas não totalmente convincente, colocado em dúvida²³. Enquanto Ziu, estritamente falando, o conhecemos não como Deus do céu, mas da guerra, como resulta da sua interpretação romana como Marte²⁴, do qual se origina o nome do terceiro dia da semana *martedì*, ou seja, dia de Marte, que nas línguas germânicas seria: em alemão *ziestac*, em anglo-saxônico *tivesdaeg*, em inglês *Tuesday*, o dia de Ziu ou Tiv (De Vries, 1934, p. 171). Também os escassos e indiretos signos indicativos da onisciência de Ziu-Tyr, como a vigilância a respeito dos juramentos na tribo germânica dos Quados e em referimento à assembleia, ou *ding*²⁵ deliberante²⁶, poderiam ser reconduzidos à sua qualidade de Deus da guerra, enquanto, os juramentos dos Quados eram prestados mediante espada²⁷ e o *ding* era, em primeiro lugar, a assembleia dos homens de arma, dos guerreiros. Entretanto, a supremacia divina, que em Tacito é ainda oscilante entre

o espírito romano – mais interessante, no sentido indo-europeu, é a concordância irânica do presságio trazido pelo nitrido dos cavalos, Erodoto 3. 86, Cfr. Tacito *Germania* 10.

²² A ideia que na figura de Odin possa subsistir qualquer coisa da noção primitiva de um ser supremo (Uhlenbeck, 1926, p. 293 segs.), não me parece fundada, Odin reentraria melhor no tipo do “Heilbringer” (De Vries, 1937, p. 203, 307 segs.).

²³ Bremer (1894, 301 segs.), sustenta que **tiwaz* não tem nada a ver com o céu, sendo o correspondente de *deva*, *daeva*, *divus* com o sentido genérico de “deus”, aqui o “deus” por excelência, que é o deus da guerra). Cf. Sturtevant Hopkins (1932). Contra as dúvidas levantadas pelo Bremer e a favor da opinião atual se pronuncia Heusler (1940, p.17).

²⁴ Cf. Mars Halamardhus (“omicida” CIL XIII 8707 (de Roermond, no Limburgo holandês) (De Vries, 1934, fig. 6); mas sobre o significado do epíteto cf. Gutenbrunner (1936, p. 51).

²⁵ *Deo Marti Thingso* na inscrição Dessau, *Inscr. Lat. sel.*, n. 4760 (Cf. 4761), encontrada na Inglaterra em Housesteads, dedicada de dos *cives Tuihanti* (de Twente na Holanda) que no III séc. d. C. (ao tempo de Alessandro Severo) prestavam serviço sobre a Muralha de Adriano num esquadrão (*cuneus*) de cavalaria da Frísia. A favor ou contra a conexão de *Dienstag* com *Thingsus* (De Vries, 1934, p. 173; Gutenbrunner, p. 26 segs).

²⁶ Cf. Zeus em Omero (Pettazzoni, 1955, p. 209).

²⁷ Ammianus Marcellinus 17. 12, 21 Vitrodorus, Viduari filius regis, et Agilimundus subregulus, aliique optimates et iudices variisque populis praesidentes ... eductis... mucronibus, quos pro numinibus colunt, iuravere...

“Mars” e “Mercurius”, ou seja, entre Ziu e Wotan ²⁸, passou sempre mais visivelmente para Wotan e Odin, de modo que a sua onividência-onisciência contemplativa poderia ser, pelo menos em parte, um atributo secundário e adquirido, ou seja, um atributo primeiramente próprio de Ziu-Tyr e, deste Deus, sucessivamente dirigido a Wotan-Odin junto com a supremacia divina.

Mas com isso, o problema é somente afastado ao invés de ser resolvido. Como se explica, de fato, esta aparência de Wotan-Odin como Deus supremo, esta elevação do mais sombrio e espectral dos Deuses no lugar de um Deus supremo luminoso e celeste? Como se realizou esta “grande revolução religiosa” do antigo mundo germânico, da qual se haveria um reflexo mítico nos conflitos entre Vani e Asi, terminado com a vitória dos Asi dos quais Odin é o chefe? (Schroder, p. 489)²⁹ E por qual motivo, como chefe dos Deuses vencedores, ou seja, da nova ordem divina, encontra-se um Deus assim tão diverso dos Deuses supremos dos outros povos indo-europeus? (Meyer, 1910, p. 224-225)³⁰. Não para ressover o problema, mas para indicar alguns pontos de referimento para uma eventual solução no quadro das nossas pesquisas, poderão ser válidas as seguintes considerações.

Odin é o viandante por excelência³¹. Mas é sobretudo um inestancável cavaleiro: Sleipnir é o seu cavalo, o companheiro das suas jornadas, que o transporta nos íferos (Niflheim) quando está em jogo o destino de Baldr (*Baldrs draumar* 2). Sobre um cavalo branco³² ou preto, que em seguida passará aos vários substitutos históricos do Deus: Teodorico, Carlo

²⁸ “deorum máxime Mercurium (isto é, Wotan, Jonas Segusiensis, sec. VII, *Vita Columbani* 1. 27; Paul. Diac., sec. VIII, *Histor. Langob.* 1 9; Cf. *Wednesday* “quarta-feira”) colunt”, Tac. *Germania* 9, diz respeito propriamente à supremacia cultural, em quanto somente a “Mercurio” se fazem também sacrifícios humanos, “Maertem (= Ziu) concessis animalibus placant”. Em Tacito, ann. 13. 57, os Hermunduri dão em oferenda, se serão vencedores, (L’oste) o inimigo a “Marte” e a “Mercurio”, enquanto os Tencteri, *histor.* 4 64, agradecem “communibus deis et praecipuo deorum Marti”. – A supremacia é explicitamente atribuída a Wotan para os Anglo-saxões na *Vita Sancti Kentigerni* (em volta ao 600): “Woden principalem deum Anglorum”, Cf. Philippson (1929, p. 148 segs.). Quem seja o “Ares” venerado como deus supremo a Thule segundo Procop. *bell. goth.* 2. 15, 25, é difícil defini-lo. Em Escandinávia Tyr aparece nitidamente em segunda linha frente a Odin: Tyr e Thor filhos de Odin na Edda (De Vries, 1937, p. 212). Odin pai de todos os deuses (*Gylfaginning* 20).

²⁹Cf. Guntert (1934, p. 148; 1937, p. 50 segs.)

³⁰ “Wotan ist keine indogermanische Gottheit... Mann kann fast behaupten, dass Wotan dem Jahve der Hebräer eher ähnlich sieht als den Hauptgöttern der nichtgermanischen Indogermanen”.

³¹ Gangleri (“aquele que está cansado de caminhar?”), *Grimnismal* 46; Cf. Gagnrad, *Yafthrunismal* 8: Falk, n. 32, 33

³² Cf. os cavalos sagrados em os Germani de Tacito (*Germania* 10): candidi et nullo mortali opere contacti (anunciam os presságios com o nitrído, cf. n. 36).

Magno, Federico Barbarossa, Valdemaro di Danimarca (Nink, 77, 81 segs., 133 segs), Wotan cavalga na frente dos *feralis exercitus*, a turma espectral dos mortos (Weninger, 1906, 201 segs.). "Stallone" (*Heingist*) e "Puledro" (*Horsa*) são os nomes dos dois irmãos bisnetos de Odin, que guiam os Anjos à conquista da Grã Bretanha e tornam-se os antepassados de muitas famílias soberanas³³. A mesma tradição se encontra nos Saxões; e também na Escandinavia se encontra a crença que os reis são descendentes de Odin (Philippson, 1929, p. 153). Este aspecto "genealógico", já o encontramos (Pettazzoni, 1955, p. 278) no Deus progenitor dos reis dos trácios interpretado por Heródoto (5.7) como "Hermes" (Schröder, p.105; De Vries, 1937, p. 194), também no Deus celta progenitor de toda a nação da Gália (Pettazzoni, 1955, p. 295) interpretado por Cesare (bell. gall. 6. 18) como "Dis Pater", e no gaélico Donn (Pettazzoni, 1955, p. 295), que espera e acolhe um depois do outro os seus descendentes na distante ilha onde ele mora ao Sul-Este da Irlanda.

Dizemos que este Donn que afoga no oceano é, verossimilmente, o sol que se põe no mar do Ocidente. Também o Dis pater, da tradição druídica, (Caes., l. cit.) apresenta claros signos da sua natureza solar. O "Hermes" de Heródoto, dos reis trácios, não é que o antecessor do "Heros" da Trácia (Pettazzoni, 1955, p. 279 segs.), o qual é, como Odin, um Deus cavaleiro e talvez um Deus solar (Pettazzoni, 1955, p.259-271). Como também os diversos "Apollo" e os análogos Deuses cavaleiros da Ásia Menor são Deuses solares (Pettazzoni, 1955, p. 268). Assim como Mithra, Deus gentílico dos reis da Pérsia (Pettazzoni, 1955, p. 277), é um Deus solar, o qual, próprio na Alemanha, no "mitreo" de Dieburg, aparece no fundo, no lugar do usual Mithra tauróctono, na figura de um cavaleiro arremessando flechas (Behn, 1928, fig. 1). Isso, não como foi suposto por influência de Wotan cavalgador (Behn, 1928, p. 10; 1926, p. 165)³⁴, quase para uma adaptação do mitraísmo à ideologia do mundo germânico³⁵, mas

³³ "Duces fuisse perhibentur eorum (scil. Anglorum) primi duo frates Hengistee Horsa, e quibus Horsa postea occisus in bello e Brettonibus hactenus in orientalibus Cantiae partibus monumentum habet suo nomine insigne. Erant autem filii Vietgilsii, cuius pater Vitta, cuius pater Vecta, cuius pater Voden de cuius stirpe multarum provinciarum regium genus origem duxit (Beda, 1. 15). Ex Germania primo venit Britanniam manus [...] ducibus Hengestoe Horsa, [...] erant enim adnepotes illius antiquissimi Woden, de quo omnium pene barbararum gentium genus lineam trahit, quemque gentes Anglorum esse delirantes ei quartum diem septimanae, et sextum uxori suae Freae, perpetuo ad hoc tempus consecraverunt sacrilegio (Guglielmo di Malmesbury, 1. 5).

³⁴ Cf. Schröder (1929b, p. 170 segs.); Wust.

³⁵ Mithra cavaleiro e caçador arremessando flechas é representado também a Dura Europos (Cumont, 1934, p. 102 segs.; Rostovtzeff, 1934, p. 192; Saxl, 1931, 77 n. 2).

provavelmente pela influência do “Cavaleiro Trácio” (Nock, 1930, 30 segs.)³⁶ e dos seus afins da Anatólia (Pettazzoni, 1955, p. 268 segs.). Da mesma forma, alguns Deuses dos Eslavos ocidentais, cada um com seu cavalo sagrado, branco (Svantevit) ou preto (Triglav), são, como veremos (Pettazzoni, 1955, cap. XIV), Deuses solares, e a sua natureza solar resulta especialmente de sua policefalia como expressão ingênua da onividência do sol. Da mesma forma, essa policefalia é comum com aquela do Heros trácio (Pettazzoni, 1955, fig. 35 segs.) e do Deus da Gália, o Tricéfalo (Pettazzoni, 1955, fig. 42 segs.) do qual ignoramos o nome celta, mas que na interpretação romana foi, da mesma forma de Wotan-Odin, “Mercurio” (Tácio)³⁷. Como também, por sua vez, o Deus trácio dos reis foi, na interpretação grega, “Hermes” (Cfr. Norden, 1923, p. 53). Bem como o persa Mithra foi, na interpretação grega, também “Hermes” (Pettazzoni, 1955, p. 277).

Odin viandante, Odin cavaleiro, como o Heros trácio, como os “Apollo” anatólios, como o persa Mithra, como os eslavos Zuarasic, Triglav e Svantevit, Odin antepassado, como o “Hermes” trácio dos reis, como o Gálio Dis Pater, como o eslavo Dažbog (Pettazzoni, 1951, pp. 493-500), como o gaélico Donn, como talvez *Ianus Patricius* e *Sol Indiges*, não será então também ele um Deus solar, o Deus do sol do Ocidente que ao pôr do sol cala no céu de poente até que desaparece do horizonte? Desaparece, porém não morre, mas se joga no mar (o olho de Odin escondido no fundo da fonte de Mimir?), ou entra misteriosamente na montanha, como Federico Barbarossa e os outros “heróis” medievais herdeiros de Wotan, e lá, nas entranhas das montanhas, andam a encontrá-lo os mortos. Porém não todos os mortos indiferentemente, mas somente alguns, pois este era o caráter originário da “caçada selvagem”

³⁶ Sobre o culto do deus cavaleiro dos Trácios na Alemanha (onde uma *cohors I Thracum* fiz parte da armada do Reno) (Lehner, 1924, p. 40, 45 segs.). Também as três cabeças humanas sobre a árvore que aparecem em uma das molduras de Dieburg (Behn, 1928, p. 15, fig. 11), as quais na base do τριπλάσιος Μι... do Pseudo-Dionísio Aeropagita, epist. 7, fizeram devanear de ser uma trindade Mitriaca (Behn, p. 11), sugeriram, ao contrário a Nock (1930), a relação com o Cavaleiro trácio de três cabeças. Mas em Dieburg não se trata de tricéfalia, e a só “trindade” envolvida é, no caso, aquela de Mithra, Cautes, Cautopates (Cumont, op. cit.; Cfr. Clemen, “Archiv f. Religionswiss.” 1937, 218).

³⁷ “deorum máxime mercurium colunt”, Tacito *Germania* 9, com as mesmas palavras que Cesare, de b. gall. 6. 17 usa para os povos da Gália. – A ideia (Chadwick, 1899, pp. 66. sg.; Cfr. Schweitzer, 1922, p. 68 n. 1) que o “Mercurio” germânico seja simplesmente o “Mercurio” gálico (o Tricéfalo: Pettazzoni, 1955, p. 290) adotado pelo Germanos é da mesma forma absurda quanto aquelas que ele seja um reflexo do mercúrio romano (o largo chapéu oriundo do pétaso, o bastão oriundo do caduceu, etc.); Cfr. (Helm, 1913, p. 390; De Vries, 1934, p. 166. De outra forma, pode-se pensar que a identificação do Tricéfalo da Gália como se fosse o romano Mercurio poderia ter influenciado em referimento ao germânico Wotan com o mesmo deus, o que implicaria a existência de uma certa analogia entre o deus da Gália e o germânico, (Cfr. Much, 1937, p. 121).

do *feralis exercitus*, de ser composto de mortos por morte violenta, em primeiro lugar os mortos na batalha, os guerreiros, os heróis, que eram os descendentes de Odin mesmo, ou seja, os membros daquelas famílias reais que nele veneravam o próprio antepassado, precisamente como os “reis” trácios no próprio “Hermes”. Este era, de fato, o destino reservado aos eleitos, às antigas aristocracias guerreiras, de não serem confundidos, nem mesmo quando mortos, com os homens comuns, de não descer nas escuras entranhas da terra, mas de subir ao céu, como as almas guiadas por Mithra, ou de serem “raptados” e transportados, como os heróis do mito grego, numa ilha dos “beatos” ou outro lugar “encantado” aos confins do mundo (Odys. 4. 561 sgs.; Hesíodo, op. 166 sgs. Cfr. Rohde, pp 68, sgs.; Wikén, 1937, cap I). E tal poderia ter sido Odin na origem, mesmo se depois se tornou o Deus de todos os mortos em geral, por um processo de generalização talvez análogo ao que aconteceu com os Trácios, no qual, o antigo Deus dos “reis” se “democratizou” na figura do Heros cavaleiro (Pettazzoni, 1955, p. 282). Assim, como aconteceu no mundo persa, no qual o antigo Mithra das linhagens soberanas tornou-se, nos mistérios, o salvador de cada iniciado e seu guia na viagem ultraterrena.

Falta a Odin, por quanto se conhece, a polícefalia como expressão do atributo solar da onividência-onisciência. Uma figura com três cabeças, com um machado na direita e uma corda na esquerda, à qual é amarrado um bode por uma das patas anteriores, era representada sobre um dos dois cornos de ouro (Pettazzoni, 1955, fig. 56) encontrados, um em 1639 e outro em 1734, a Tondern (Gallehus) no Jütland. Os quais foram roubados e agora são conhecidos somente por constar em alguns antigos desenhos (Müller, p. 155, fig. 99; MacCulloch, 1930, tavv. IV, V, VI, XIII, XLVI). Mas esta figura tricéfala é quase um *unicum* em todo o paganismo germânico³⁸. Por outro lado, elementos dos cornos de Gallehus, tanto iconográficos na figura de um Deus chifrudo, quanto estilísticos, como as flores sobre o fundo pontilhado, encontram coincidências na arte celta, especificamente no grande vaso de prata dourado encontrado a Gundestrup (Jütland) (Jenny, 1935, tav. 27), que segundo os arqueólogos é obra mesmo dos

³⁸Jullian, 1908, p. 173, considerando os vasos planetários (Pettazzoni, 1955, pp. 297 segs.) como produtos de uma população bégico-germânica, era disposto a ver nas figuras aí representadas as figuras de divindades germânicas (então, particularmente no tricéfalo, deus da segunda-feira (Pettazzoni, 1955, p. 303), uma figura de Zius-Mars). – Ao contrário é de assinalar a figura tricéfala “a cavalo” (de um leão) em uma cena de tema cristão num tapete em Skog na Suécia, do XII século (Salvén, 1923, tav. I e fig. 84), interessante transfiguração iconográfica de um deus pagão com três cabeças no Demônio cristão; Cfr. o meu artigo *The pagan origins of the three-headed representation of the Christian trinity*, “J. of the Warburg and Courtauld Institutes” 9. 1946, pp. 150-51, fig. 15 c.

Celtas danubianos³⁹. Quanto aos dois chifres de Gallehus, eles são geralmente atribuídos ao V século d. C., enquanto o estilo e os motivos da decoração, bem como as mesmas runas, que não são de forma absoluta uma prova segura da origem escandinava, como alguns sustentaram (Kossinna, 1910, p. 205; Cfr. Cahen, 1925-2, p. 45), acenam a uma origem muito mais meridional e oriental, numa tradição que encontra resultados no Sul da Rússia (Gjessing, 1934, p. 253 segs.; Ringbom, 1949).

Isso posto, se torna improvável cada legitimação às tentativas feitas até agora de reconhecer no Tricéfalo e nas outras figuras do corno de Gallehus uma qualquer divindade germânica. Por exemplo, como feito por Worsaae, no sentido de uma tríade divina⁴⁰, ou por Olrik (1918, pp. 1-35) e Neckel (1921, p. 25 segs.; Schütte, 1923, p. 131), que interpretam o Tricéfalo como Thor⁴¹, enquanto para Schweitzer (1923, p. 31), o Tricéfalo seria precisamente Wotan-Odin⁴². Nem é o caso, dada a origem não germânica, de pensar numa eventual adaptação e aplicação dos tipos da iconografia celta, como o Tricéfalo e o Deus chifrudo, para representar correspondentes divindades germânicas (Cahen, 1925-2). No máximo, pode-se pensar que naquelas figuras que decoram preciosas obras de arte estrangeiras, os seus possesores escandinavos foram capazes de ver alguma coisa a mais que somente figuras puramente ornamentais, e, traduzindo-as idealmente em figuras do próprio mundo religioso, tinham visto também no Tricéfalo de Gallheus um dos seus Deuses (Odin?).

Também *Rig* é, na Edda, o antepassado do gênero humano, nas suas três classes sociais: os escravos, os livres, os nobres. Em *Rigsthula* se narra como eles visitou em sucessão três casais, “Bisavô” e “Bisavó”, “Avô” e “Avó”, “Pai” e “Mãe”, e com cada uma delas deitando três noites gerou da “Bisavó” o “escravo” (*Thräl*), da “Avó” o “Livre” (*karl*) e da “Mãe” o “Nobre” (*Iarl*), o qual último herdou dele o mesmo nome de Rig. Rig é verossimilmente a palavra celta que significa “rei” (ver em Pettazzoni, 1955, p. 280, n. 121); e este “rei”, antepassado das singulares classes, mais especificamente daquela dos reis, é ele igualmente um viandante incansável como Odin, também ele é, do mesmo modo que Odin, esperto das

³⁹ Drexel, 1915, p. segs., o faz remontar ao século I a. C., da mesma forma seguido por P. Jacobsthal, P. Lambrechts e outros; outros propõem uma data posterior. Uma origem celta-lígure no II século a. C. é proposta por C. Hawkes, “*Journal of Roman Studies*” 37. 1947, p. 191 segs.

⁴⁰ Odin, Thor e Freyr, a tríade do culto de Uppsala (Adamo di Brema 4. 26): (Worsaae, 1881, p. 161).

⁴¹ No momento que encontram Odin no chifrudo; assim também Cahen (1925-2).

⁴² “O melhor da trindade nórdica Odin, Tyr e Thor” (Schweitzer, 1922, p. 67; Cfr. Güntert, 1923, p. 31).

runas. Por isso, Rig é considerado por alguns como uma figura de Odin mesmo (Mogk*, p. 602; Meissner, 1933, p. 109). Mas na breve introdução em prosa à *Rigsthula* é dito que Rig é Heimdall, o qual teria dado a se mesmo este nome (Pering, pp. 37-38). E a *Voluspa* se abre com um convite da Volva, a Profetisa, que pede de ser ouvida pelos “muitos antepassados, os filhos de Heimdall, altos e humildes”, ou seja, segundo a opinião corrente, os homens nas suas várias condições sociais, assim confirmando, através esta paternidade de Heimdall, a sua identidade com Rig. Deste ponto, deduzir-se-ia, indiretamente, que também Heimdall é uma figura de Odin. Também Heimdall, de fato, tem um próprio cavalo, *Gulltopp*, “da juba de ouro” (*Gylfaginning* 27, Cfr. *grimnismal* 30), e ele mesmo tem dentes de ouro (*ibid.*). Ele é, além disso, o “guardião dos Deuses” (*Grminismal* 13, *Lokasenna* 48), que está sempre em espreita, “dorme menos de um pássaro” (*Gylfaginning* 27) no castelo do céu *Himinbiorg* (*Grimnismal* 13), sobre a ponte *Bifrost* (o arco-íris, ou a Via Lactea). Ele vê de noite como de dia até cem milhas de distância (*Gylfaginning* 27), vê tudo e ouve tudo, “sente crescer a grama sobre a terra e a lã das ovelhas” (*Gylfaginning* 27). Não seria então igualmente Heimdall um antigo Deus solar (mais tarde obscurecido do prevalecer dos outros Deuses e de outros cultos), e como tal onividente e onisciente? A antiga exegese naturista via em Heimdall uma figura do Deus do céu (Müllenhof; Cfr. Schröder, 1914, p. 512). Segundo Much (1898, p. 254 segs.), Heimdall pertenceria ao grupo das divindades solares, que seriam os Vani, os quais, a diferença dos Asi, formariam grupo com o Deus do céu. A interpretação mítico solar, combinada com a teoria das influências orientais ou mais genericamente estrangeiras, há dado lugar à hipótese de uma eventual dependência de Heimdall do persa Mithra (Schröder, 1929^a, p. 107, segs.), ou do romano Giano (Vistéd). A exegese mítico solar foi retomada ultimamente por Ohlmarks (1937, p. 257, segs.), com resultados muitos discutíveis. Sem dúvida existem em Heimdall alguns aspectos que não são fáceis de conciliar com a interpretação mítico solar. Nestes, está especialmente fundada a mais recente exegese dos cultos, seja para torná-lo um Deus do eixo do mundo e da volta celeste (Pipping, 1925, p. -26, -28), ou uma espécie de Deus-ariete (Hellquist, Rosén). A tese mais recente, que eu conheço, é aquela de Pering (1941), que, entre outros, nega a Heimdall (e a Rig) também o caráter de antepassado do gênero humano, encontrando nele apenas que o “guardião (no senso de ‘protetor’) dos Deuses”, os quais somente eles (e não os homens), e unicamente nesse sentido, seriam seus “filhos”.

Que o sol fosse adorado pelos Germanos, junto com “Vulcano”, ou seja, o Fogo e a Lua, se lê em Cesare, e é a primeira notícia que temos da religião germânica⁴³. Mas o testemunho é suspeito, seja pela sua formulação, com as particulares implicações teóricas que ela contém, seja pela pouca ou nenhuma correspondência que ela encontra nas notícias de Tacito⁴⁴, tornando assim a justificar-se a tese (Norden, 1923), que Cesare não relatou aqui informações que realmente ele tinha, mas tinha simplesmente aplicado aos Germanos uma caracterização convencional da religião dos Bárbaros como culto dos astros, derivada verossimilmente por Possidônio e já remontante a Heródoto.

Mas o culto do sol é já atestado na Idade do bronze (II milênio a. C.) das incisões rupestres de Bohuslän, na Sueca meridional (Schneider, 1918), entre as quais ocorre frequentemente a figura de um barco ritual que carrega o disco solar (Almgren, 1927; 1934, fig. 1-6; De Vries, 1937, p. 124, fig. b), bem como pelos numerosos discos com decorações geométricas encontrados na Europa setentrional, seja em bronze dourado como aquele encontrado em Trundholm na Dinamarca (De Vries, 1934, tav. 2; Bing, 1926, p. 236), puxado por um cavalo sobre três pares de rodas⁴⁵, seja em lâmina de ouro como aquilo encontrado em 1910 em Moordorf, perto de Hannover (Jacob-Friesen, 1931, p. 453, seg.).

A este remoto substrato religioso remete verossimilmente, ao meu ver, não a figura de Wotan-Odin como nós a conhecemos na sua forma definitiva, como resultado final de um longo processo histórico (Pettazzoni, 1955, p. 324), mas um complexo de elementos de forte caráter arcaico que nessa forma encontramos incorporados. Um deles é, talvez, o olho único de Odin, o qual não é necessariamente o sol, como queria a interpretação naturista (Tylor, p. 351; Schröder, 1914, p. 521) de Wotan-Odin como Deus do céu ou hipóstase de um Deus do céu ou substituto de um Deus do céu, ou seja, o sol como olho do céu, o amplo manto de Odin como a volta celeste (Krappe, 1930, p. 192), etc.

⁴³ *Caes. bell. gall.* 6. 21: *deorum numero eos ducunt quos cernunt et quorum aperte opibus uiuantur, Solem et Vulcanum (Dunar?) et Lunam ; reliquos ne fama quidem acceperunt.*

⁴⁴ Somente *Annal.* 13, 55 (*Boiocalus0 solem... suspiciens et cetera sidera vocans quae coram interrogant vellente inane solum.* Quanto a *Germ.* 45 *sonum insuper emergentes (solis) audiri formasque equorum et radios capitis adspici*, não é para ser excluído que se trate (como no caso dos Thuliti odoradores do sol em *Procop. bell. goth.* 2. 150 de um povo (do extremo nórd: “trans Suionas”) não germânico (Lapões?, Helm, 1913, p. 327). – Quanto à Lua, *Tacit. german.* 11, Cfr. *Caes. b. gall.* 1. 50, 5.

⁴⁵ Cfr. os doze cavalos do carro do sol, *Arvagr* e *Alsvish*; *Grimnismal* 37; *Sigfridfomal* 15; *Gylfaginning* 11.

A visão monocular, “cegueira”, de Wotan-Odin, parece ser, ao invés, um aspecto do seu caráter infernal (Pettazzoni, 1955, pp. 327 segs.; Gjessing, 1948); mas este mesmo aspecto, segundo o meu ponto de vista, não exclui a relação com o sol, que leva a reconhecer também na figura de Odin aquela coexistência de aspectos contraditórios, aquela “bipolaridade” que foi colocada em evidência pela exegese dos cultos, mas também a admitir a possibilidade que ela possa ser entendida em senso naturalista, como *conatural* à natureza mesma do sol (De Vries, 1934)⁴⁶. O sol que é junto súpero e ínfero, e, por isso, centro de atração e ponto de convergência de elementos positivos e negativos, de aspectos de vida e de morte, a progenitura das estirpes soberanas e a soberania sobre as gerações dos defuntos. Esta presença, originária ou adquirida que seja’ de elementos solares na complexa figura de Wotan-Odin, esta herança de uma antiquíssima tradição religiosa, em parte de origem eventualmente pré-indo-europeia⁴⁷, nos ajuda a compreender como Wotan-Odin poderia assurgir, especialmente no Norte germânico, ao grau de Deus supremo, no lugar do antigo Deus supremo indo-europeu do céu, Ziu-Tyr.

Referências bibliográficas:⁴⁸

- ALMGREN, O. “*Hällristningar och kultbruk*”. Stockholm: 1927.
- ALMGREN, O. “*Nordische Felszeichnungen als religiöse Urkunden*”. Frankfurt a Main: 1934.
- BEHN, F. Angelos. 1926.
- BEHN, F. Das “*Mithrasheiligtum zu Dieburg*”. Berlin, Leipzig: 1928.
- BING. “*Der Kultwagen von Trundholm u. die nordischen Felszeichnungen*”. I.P.E.K. 2, 1926.
- BREMER, O. “*Indogermanische Forschungen*”. In: *Der germanische Himmels-gott*. 1894.
- CAHEN, M. In: *Revue de l’histoire des religions*. 1925-2.
- CHADWICK, H.M. “*The Cult of Othin*”. London: 1899.

⁴⁶ O disco solar de Trundholm leva (originariamente?) a douradura somente sobre a uma face (“*Rallexikon der Vorgeschichte*”, XIII 451).

⁴⁷ Os elementos religiosos de origem pré-indo-europeia na religião germânica são colocados em evidência pelo arqueólogo E. Wahle (1932, pp. 94 segs., 158 segs.) e pelo linguista H. Güntert, pelos quais Odin pertenceria como os outros Asi, ao estrado indo-europeu, diferentemente dos Vani, que remontam ao substrato pré-indo-europeu.

⁴⁸ Nota do editor: conservamos a formatação das referências bibliográficas conforme o original em italiano.

- CLEMEN, C. "Archiv f. Religionswissenschaft". 1937.
- CLEMEN, C. "Fontes historiae religionis germanicae". In: BEROLINI. 1928.
- CUMONT, F. "Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions". In: ROSTOVTZEFF, M. Das Mithraeum von Dura. 1934.
- DE VRIES, J. "Altgermanische Religionsgeschichte II: Religion der Nord-germanen". Berlin-Leipzig: 1937.
- DE VRIES, J. "Arkiv för nordisk filologi". 1934.
- DREXEL, F. "Ueber den Kessel von Gundestrup". In: Arch. Jahrbuch. 30. 1915.
- FALK, H, J. *Odensheite*. "Skripter utgit av Videnskapselskapet i Kristiania: historisk-filosofisk Klasse", 1924 s.v.
- German trans. *Nordische Felszeichnungen als religiöse Urkunden*. Frankfurt a. Main: 1934.
- GJESSING, G. "De danske gullhornene fra svarthavstraktene". In: *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap* 7. 1934.
- GJESSING, G. The one-eyed god: a study in diffusion. Comunicazione al III Congresso Internazionale delle scienze antropologiche ed etnologiche. Bruxelles: 1948.
- GOLTHER, W. "Handbuch der germanischen Mithologie". Leipzig: 1895.
- GUNTERT, H. "Altgermanischer Glaube. Heidelberg: 1937.
- GUNTERT, H. "Der arische Weltkonig u. Heiland". Halle: 1923.
- GUNTERT, H. "Der Ursprung der Germanen". Heidelberg: 1934.
- GUTENBRUNNER, S. "Die germanische Götternamen der antiken Inschriften". Halle: 1936.
- HAMEL, A. G. van. "Odin hanging on the tree". In: *Acta filológica Scandinavica*, 7. 1932.
- HAWKES, C. "Journal of Roman Studies". 1947.
- HELLQUIST.
- HELM, K. "Altgermanische religionsgeschichte". Heidelberg: 1913.
- HEUSLER, A. *Göttingische Gelehrte Anzeigen*. 1940.
- HÖFLER, O. *Kultische Geheimbünde de Germanen*,1. Frankfurt am Main: 1934.
- JACOB-FRIESEN, K. H. "Himmelskult im alten Norden". In: *Forschungen u. Fortschritte* 7. 1931.
- JENNY, W. A. v. *Keltische Metallarbeiten*. Berlin: 1935
- JENSEN A. E. *Em Paideuma* 5. 1-2. 1950.
- JULLIAN, C. *Revue des études anciennes* 10. 1908.

- KARUTZ, R. "Einbein und Einaug". In: *Das Goetheanum - Internationale Wochenschrift für Anthroposophie und Dreigliederung*. Basel: 1925.
- KOSSINNA. In: *Mannus*, 2. 1910.
- KRAPPE A. H. "Les corbeaux d'Odin". In: *Études de mythologie et de folklore germaniques*. Paris: 1928.
- KRAPPE A. H. *Mythologie universelle*. Paris: 1930.
- LEHMACHER, G. "Der Dagde, das Haupt der irischen Götter". In: *Anthropos*. 1953.
- LEHNER, H. "Orientalische Missterienkulte im romischen Rheinland". In *Bonner Jahrbücher*. 1924.
- LOOMIS, R. SH. *Celtic Myt and Arthurian Romance*. New York: 1927.
- MACCULLOCH, A. "Eddic Mytology". In: *The Mytology of all Races 2"*. Boston: 1930
- MACCULLOCH, A. *The religion of the Anciente Celts*. Ebinburg: 1911.
- MASTRELLI, C.A. "L'Edda: carmi norreni". In: *I classici della Religione*. Firenze: 1952.
- MEISSNER. "Rigr, Beiträge zur Geschichte der deutschen Spracghe u. Literatur". 1933
- MEYER, R.M. *Altgermanische Religionsgeschichte*. Leipzig: 1910.
- MOGK, E. "Germanische Religion". In: HASS. *Bilberatlas zur Religionsgechichte*. **
- MOGK, E. "Grundriss der germanischen Philologie". In: *Germanische Mytologie*. *
- MUCH, R. "Der germaniche Himmelsgott". In: *Festgabe Heinzel*. Halle: 1898.
- MUCH, R. *Die Germania des Tacitus*. Heidelberg: 1937.
- MÜLLER, S. *Nordische Altertumskunde II*.
- NECKEL, G. "Die Gotter auf dem goldenen Horn". In: *Zeitschrift f. das deutsche Altertum*, 58. 1921.
- NECKEL, G. *Die Götter auf dem gold*.
- NINCK, M. *Wotan und germanicher Schicksalglauben*. Jena: 1935.
- NOCK, A. *Gnomon*. 1930.
- NORDEN, E. *Die germanische Urgeschichte in Tacitus Germania*. Leipzig: 1923.
- OHLMARKS, Åke Joel. "Heimdalls Horn und Odins Auge", I. Lund-Kopenhagen: 1937.
- OLRIK, A. "Gudfremstillinger paa guldhornene og andre äldre mindesmärker". In: *Danske Studier*. 1918, p. 1-35.
- OLSEN, M. "Le prêtre-magicien et le dieu-magicien dans la Norvège ancienne". In: *Revue de l'histoire des religions*. 1935-II.
- PERING, B. "Heimdall". Lund: 1941.

- PETTAZZONI, R. *“L’onniscienza di Dio”*. Torino: Einaudi, 1955.
- PETTAZZONI, R. *“La progenie del Sole”*. In: *Melanges H. G. ii*. Brussels: 1951, p. 493-500.
- PETTAZZONI, R. *“The pagan origins of the three-headed representation of the Christian Trinity”*. In: *Journ. of the Warburg and Courtauld Institutes* 9. 1946, p. 150-151, fig. 15.
- PHILIPPSON. *Gremmanisches Heidentum bei den Angelsachsen*. Leipzig: 1929.
- PIPPING, H. *“Edda Studier”* I-III, in: *Studier i nordisk filologi*. 1925.
- REVUE CELTIQUE 12. 1891
- RINGBOM, L. J. *“Gallehushornens Bilder”*. In: *Acta Academiae Aboensis Humaniora*. 1949.
- ROSTOVTZEFF, M. *“Das Mithraeum von Dura*. In: *Römische Mitteilungen*. 1934.
- SALVEN, E. *Bonaden från Skog*. Stockholm: 1923.
- SAXL, F. *“Mithra”*. 1931.
- SCHRÖDER, F. R. *“Die Germanen”*. In: BERTHOLET, A. *Religionsgeschichtliches Lesebuch*. Tübingen: 1929.
- SCHNEIDER, H. *“Die Felszeichnungen von Bohuslän, das Grab von Kivik, die Goldhörner von Galleus und der Silberkessel von Gundestrup als Denkmäler der vorgeschichtlichen Sonnenreligion in: Veröffentlichungen des Provinzialmuseums zu Halle I, 2, 1918.*
- SCHRÖDER, F. R. *Altgermanische Kulturprobleme*. Berlin-Leipzig: 1929a.
- SCHRÖDER, F. R. *Forschungen und Fortschritte* V. 1929b.
- SCHRÖDER, F. R. *Quellenbuch zur germanischen Religionsgeschichte*. Berlin-Leipzig: 1933.
- SCHROEDER, L. von. *Arische Religion*, I. 1914.
- SCHÜTTE, G. *Diinisches Heidentum*. Heidelberg: 1923
- SCHWEITZER, B. *Herakles*. Tübingen: 1922.
- STURTEVANT HOPKINS, G. *Indoeuropean *deiwos and related words*.
- TYLOR, E. B. *“Primitive Culture”*.
- UHLENBECK, C. C. *“Acta philologica scandinavica”*. 1926.
- WAHLE, E. *“In Deutsche Vorzeit”*. Leipzig: 1932
- WENIGER, L. *“Feralis exercitus”*. In A.R.W.: 1906.
- WIKÉN, E. *Die Kunde der Hllenen von dem Lande und den Völkern der Apenninenhalbinsel bis 300 v. Chr.* Lund: 1937, Cap. 1.
- WILKE, G. *“Die Religion der Indogermanen in archäologischer Beleuchtung”*. Leipzig: 1923.
- WINDISCH-STOKES. *“Irische Texte”*, III.

WORSAAE. "*Nordens Forhistorie*". Köbenhavn: 1881.

Angelos ii 1926

Baldrs Draumar

Beda. *Hist. eccl.* (séc. VIII).

Caes. b. gall.

Encyclopedia of Religion and Ethics 3. 1910.

Grimnismal.

Guglielmo di Malmesbury. *De gentis regum Anglorum*. Séc XI-XII.

Gylfaginning.

Hesiodo.

Havamal.

Heimskringla.

Helgakvidha Hundingsbana I.

Homer. *Odyss.*

Hymiskvidha

Lokasenna

Odyss. 4.

Paulo Diacono sec. VIII, **Histor. Langob.** 1 9.

Rosén.

Saxo VII

Segusiensis, Jonas, sec. VII, *Vita Columbani* 1. 27.

Sigrdrifomal 14.

Skirnismal 31

Vafthrudhnismal 1.

Tacito, *ann.* 13. 57.

Tacito. *Germania.*

Vistéd K

Yafthrunismal

Ynglingasaga

William of Malmesbury. *De gestis regum Anglorum* 1. 5 (séc. XI-XII).

Wust. REnc. XV 2146

Imagens:⁴⁹



Fig. 35 Deus cavaleiro da antiga Trácia com três cabeças



Fig. 36 Deus cavaleiro da antiga Trácia com três cabeças

⁴⁹ Nota do editor: a formatação, numeração e informações sobre as imagens corresponde ao original em italiano.



Fig. 37 Deus cavaleiro da antiga Trácia com três cabeças



Fig. 38 Deus cavaleiro da antiga Trácia com três cabeças



Fig. 39 Deus cavaleiro da antiga Trácia com três cabeças



Fig. 42 Estela da Gália com um Deus com três faces



Fig. 40 Deus cavaleiro da antiga Trácia com duas cabeças



Fig.43 Ignoto Deus da Gália com três faces



Fig. 45 Estela esculpida com sobre uma cabeça com três faces.

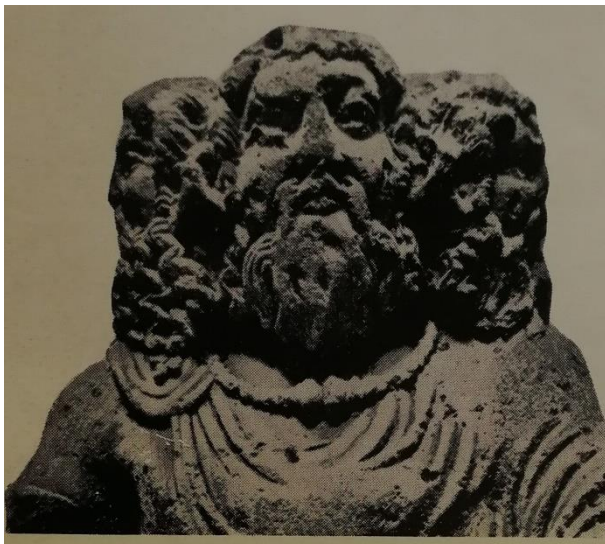


Fig. 44 Deus da Gália com três cabeças



Fig. 46 Deus tricéfalo sentado entre duas divindades da Gália



Fig. 48 Deus da Gália sentado com as pernas cruzadas



Fig. 47 Deus tricéfalo em companhia de outras duas divindades

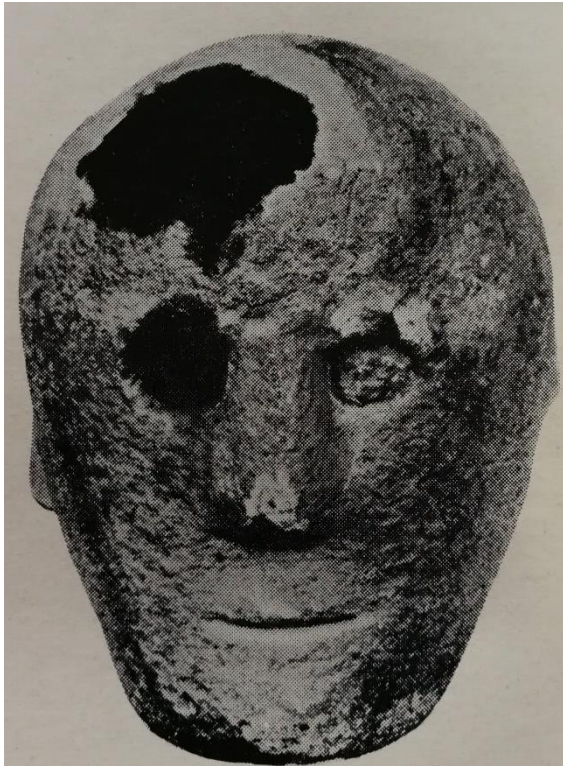


Fig. 49 Cabeça esculpida com três faces



Fig. 50 Relevo esculpido período gálio-romano encontrado na Inglaterra com ornamentos esculpidos (uma pequena cabeça com três no alto da parte esquerda)



Fig. 56 Figura tricéfala sobre um chifre de ouro presumivelmente de origem celta encontrado na Dinamarca